

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO—ANNO 50 (NUMEROS) 1\$000 RS., SEMESTRE
(25 NUMEROS) 500 RS.
FORA D'AVEIRO ANNO (50 NUMEROS) 1\$125 RS., SEMESTRE
(25 NUMEROS) 570 RS.
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL... 2\$000 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANNUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.
NUMERO AVULSO 20 RS., C/ 100 RS. NO BRAZIL.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ALFANDEGA, NUMERO 7.

AVEIRO

INCOHERENCIAS

E

INCONGRUENCIAS

Como dissemos no nosso penultimo artigo, é preciso que os radicaes se não deixem illudir com os triumphos, suppostos ou reaes do ultimo congresso, nem ludibriar pelo canto da sereia, que n'estes casos será representada por todos esses especuladores que á sombra do nome republicano tem vindo até hoje trocando das crencas do povo e das aspirações democraticas. Lembrem-se de que o *Povo de Aveiro* assignalou e previu todos os desastres a que o partido foi ter. Accusaram-nos de turbulencia, de indisciplina, de rancores e odios, para no fim cabihem em ataques ao directorio tão violentos como os que lhe tinhamos dirigido, porque reconheceram enfim a verdade e a razão. Não eram odios; era a vontade que tinhamos e temos de que a democracia portugueza entre no caminho justo, recto e são, de que por desgraça a veem afastando ha muitos annos. Não eram odios e por isso, a prova mais insuspeita que podiamos dar, tanto censuravamos os dirigentes com quem não tinhamos intimidade, como aquelles que mais nos enchião de louvores e elogios. E por isso promettemos sempre de cessar com todas as censuras áquelle ou áquelles que viessem a reconhecer o mau caminho que trilhavamos, áquelles que, ainda que tivessem errado, fossem sinceros e dignos, o que estamos cumprindo até certo ponto. Não eram odios, que não tinhamos odios nenhuns nem a nenhum, incluíndo o sr. Jacintho Nunes e Theophilo Braga que louvamos até ao fim, até ao momento de reconhecermos que eram os mais nefastos e os mais criminosos de todos os dirigentes. Era a vontade firme de resistir a uma direcção impossível e a um suicidio lento, mas fatal.

Nesse sentido muitos vão tomando toda a nossa conducta passada e n'esse sentido podem tomar a nossa conducta futura. E por conseguinte não cessaremos de lhes repetir:—tomem cuidado, não se deixem illudir, que toda a vigilancia é pouca no estado critico que atravessamos!

Assim, servem-nos a attitude que o *Seculo* tomou nos ultimos dias. Mas no fundo é uma attitude muito pouco sympathica e muito pouco edificante para a causa que representamos. Porque o *Seculo* não é sincero nem convicto; obedece ao espirito mercantil e mais nada. Se não fóra isso, o *Seculo* teria desde o congresso de julho combatido vivamente o accordo barjonaceo, como era seu dever, fazendo assim uma propaganda benefica entre

os republicanos para que no congresso extraordinario houvesse o menor perigo possivel para a causa commum. Mas não foi isso o que o *Seculo* fez. O *Seculo* calouse; deixou que o sr. Theophilo Braga, o sr. Jacintho Nunes e o sr. José Elias fizessem á vontade a propaganda barjonacea. Os redactores do *Seculo*, como o sr. Alves Correia, foram até os mais activos auxiliares d'essa propaganda em todo o paiz. E só quando a attitude brilhante da esquerda fez recuar as manobras monarchicas, só quando a moção do illustre tribuno o sr. Manuel d'Arriaga obteve os applausos da maioria republicana do congresso, é que o *Seculo* se sahiu a defende-la. Porque? Porque o *Seculo* viu os seus interesses economicos jogados na questão. Porque o *Seculo* não ignora que os leitores republicanos é que lhe tem dado vida e sabendo melhor do que ninguém que os carneiros do sr. Jacintho nada representavam no congresso, viu o partido quasi em peso contra as colligações monarchicas e d'ahi a sua existencia perdida se não viesse tambem immediatamente para a rua combate-las.

Eis porque o *Seculo*, que não quiz publicar as convocatorias do Centro do Calvario porque o centro era contra os barjonaceos, que não disse uma palavra da brilhante conferencia do sr. Arriaga no Club Henriques Nogueira, que não perdeu occasião de hostilizar o illustre tribuno, que esteve em massa, com todos os seus collaboradores, contra a esquerda no primeiro dia do congresso, amansou logo no segundo, dividiu os seus redactores sobre a votação da moção Arriaga por causa das duvidas e appareceu por fim a combater abertamente os barjonaceos! E' o espirito mercantil e mais nada. São os interesses materiaes que o movem, unicamente. E por isso todos os cuidados são poucos e todas as desconfianças justificadas.

Pode-nos servir, a conducta actual do *Seculo*, para as nossas aspirações radicaes n'este momento. Mas no fundo é indigna da causa que representa, indigna da democracia portugueza. Um jornal d'aquella cathgoria não fica tantos mezes de braços cruzados perante uma questão grave para se pronunciar no fim pelos vencedores. Allegar, como insinuou o sr. Martel na sua carta ao sr. Magalhães Lima, que o *Seculo* vae com o espirito da maioria, é a maior condemnação d'aquelle jornal. Se o *Seculo* não serve para educar os seus correigionarios, para os orientar nos importantes problemas da democracia, para defender perante todo o paiz os melhores principios da nossa causa, que se vá embora que o partido republicano não precisa d'elle para nada. A sua missão é esclarecer, é orientar, é ensinar. Não é seguir a reboque das oscillações populares.

Que seriedade tem um jornal onde um dos seus directores declara, como o sr. Trigueiros de Martel declarou, que tudo que o directorio estava fazendo era bom,

quando o directorio, como todo o mundo sabia, trabalhava nos pactos com a monarchia, que quem pensava bem era o directorio, que o directorio dirigia muito sensatamente o partido, e dias depois vem a publico combater os homens do mesmo directorio com allusões claras, e a politica que seguiam com affirmações patentes? Nenhuma, absolutamente nenhuma.

Que seriedade tem um jornal de que um dos inspiradores, o sr. Silva Graça, vota a moção Arriaga, e o seu redactor principal, o sr. Alves Correia, vota contra ficando a viver ambos na melhor paz e harmonia? Nenhuma.

Esta é que é a verdade, doa a quem doer.

O *Seculo* tem graves responsabilidades nas questões que agitam o partido. Porque o seu dever, se tomava o pacto barjonaceo como prejudicial ao partido republicano, era combate-lo antes d'elle ser votado, para que pelo seu silencio não perigasse uma causa justa. Se o approvava, como tudo parecia indicar, então tivesse a coragem de o approvar até ao fim.

O que fez e o que está fazendo não demonstra já uma d'aquellas muitas incoherencias em que é useiro e vezeiro. Demonstra falta de seriedade e até de dignidade. E mal irá quem acreditar nas suas boas intenções.

O LYCEU

Publicamos hoje a planta interna do edificio do largo municipal, com as modificações que lhe introduz a benemerita commissão José Estevão, modificações em harmonia com os desejos do conselho escolar. Eis o meio do publico julgar com o melhor conhecimento e verdade de que lado está a razão!

Os srs. professores reclamaram:

Quatro salas para aulas, cada uma com 8^m por 6.

Duas dictas, cada uma com 14^m por 9 (havendo n'uma um gabinete contiguo para laboratorio chimico.)

Uma sala para secretaria com 6^m por 5.

Uma dicta para gabinete do reitor e conselho com 6^m por 5.

Uma dicta para espera de professores, 6^m por 5.

Um salão para bibliotheca, 15^m por 10.

Um dicto para espera d'alunos, 16^m por 12.

Dois gabinetes para empregados menores, 5^m por 4.

Dois retretes.

Um pateo para gymnasio.

Um hort botanico.

Isto cortando á larga n'um edificio novo, construido de proposito! Ora a prova de que o edificio actual é magnifico e soberbo, a prova de que só com intenções secretas se pretende condemnalo, a prova de que os srs. professores são incompetentes para resolver esta questão, como o sr.

Barbosa de Magalhães disse muito bem, é que cabem n'elle á vontade e de sobejo todas essas reclamações, sem se lhe alterar nada da sua elegancia, da sua imponencia, do seu bello aspecto architectonico!

De facto, vê-se pela planta, que vae juncta, que, com infima despeza e pouquissimo trabalho, relativamente, ficaria ou ficará dividido d'esta fórma o edificio.

A' entrada, pavimento inferior, um atrio magnifico com 11 metros de comprimento e 8^m,70 de largo. Por conseguinte uma divisão não comprehendida nas reclamações dos srs. professores, muito conveniente aliaz para uso dos alumnos, indispensavel nas grandes construcções d'aquella natureza, precisa para o gosto artistico, principalmente quando é bella como essa a que nos estamos referindo, conhecida de todo o mundo em Aveiro!

A' direita do atrio uma sala, que pôde ser a sala d'espera para o corpo docente, com 13 metros de comprimento por 8,70 de largo. Por conseguinte, muito mais vasta e ampla que a reclamada pelos srs. professores, com a differença de que em construcções publicas todas as salas acanhadas são feias e improprias, e elegantes, proprias e convenientes as salas de pé direito bastante e vastidão correspondente. No que peze ao sr. director das obras publicas, que tanto gosta de pombaes e de nichos! A' esquerda outra sala para aulas, d'eguaes dimensões.

Ao fundo do atrio, ao principiar da escada, dois enormes salões, um de cada lado, que com as divisões indicadas na planta, dá o seguinte: Entrando no corredor do lado direito, á esquerda pôde ficar a secretaria, com 8^m,20 de comprimento e 6^m,40 de largo, em frente o gabinete do reitor e conselho com 9^m,40 de comprimento e 6,90 de largo. Ambos mais vastos que os indicados pelos srs. professores! Entrando no corredor do lado esquerdo, á direita uma sala para aula, em frente outra para o mesmo destino, a primeira com as mesmas dimensões da secretaria e a segunda com as dimensões da sala do conselho. Por debaixo da escada as respectivas retretes. Ao cimo dos primeiros dois laços, um que vem da esquerda, outro da direita, no patamar, dois gabinetes para empregados menores, no local mais adequado á vigilancia dos alumnos, para satisfação da decantada disciplina academica. Mais um laço e eis-nos no pavimento superior. A escada é como todo o edificio bem lançada, airosa e elegante, terminando n'um patamar corrido e bello.

A' esquerda d'esse patamar fica, e segundo a planta junta ficaria, o salão da bibliotheca com 15^m,60 de comprimento e 9,10 de largo, ou as dimensões, sem differença attendivel, que o conselho requer. A' esquerda uma sala para aula com 10^m,40 por 9,10, com um gabinete contiguo para laboratorio chimico, que tendo 3,40 de largo dá ao salão 13^m,80 de comprimento por 9,10 de largo ou, sem differença que mereça men-

ção, as dimensões que o conselho reclama.

Em frente do patamar uma sala d'espera para alumnos com 11,70 por 8,60. Menor, esta, que a sala pedida pelo conselho. Mas com dimensões bastantes. E se é menor, de sobejo fica compensada pelo atrio que corresponde e satisfaz ao mesmo fim no pavimento inferior. A' direita d'essa sala outra para aulas de 13,40 por 8,70 e á esquerda outra, com o mesmo destino, de 13,40 por 8,70.

Em summa, com as modificações propostas pela commissão José Estevão o edificio actual ficaria com as seguintes divisões e accommodações para lyceu:—Um salão d'espera para alumnos, além d'um atrio no pavimento inferior que satisfaz ao mesmo fim. Seis salas para aulas. Um salão para bibliotheca. Uma sala d'espera para professores. Uma para secretaria. Uma para sessões do conselho. Dois gabinetes para empregados menores, um para laboratorio chimico e duas retretes. Isto é, tantas quantas pediu o conselho escolar para o edificio novo com a differença de serem muito mais vastas, muito mais elegantes, muito melhores do que seriam as do pombal do sr. Araujo e Silva. E n'esses casos foi por engano, ou em virtude d'aquella auctorisadissima opinião do sr. Barbosa de Magalhães, que o conselho escolar declarou por unanimidade que o lyceu funcionaria mais convenientemente n'um edificio novo que no edificio actual. E n'esses casos razão tinhamos nós para nos rirmos das pretensões artisticas do sr. padre José Candido, e, lembrando-nos dos srs. Elias Fernandes Pereira e dr. Alvaro de Moura, para encolhermos os hombros, com a devida deferencia por aquelles cavalheiros, perante a immodestia, a vaidade e o orgulho d'esta pobre humanidade que nos cerca!

N'um edificio novo, expressamente feito para lyceu, quesito apresentado ás deliberações do conselho escolar, pôde este funcionar mais convenientemente do que no actual modificado? Conforme! E os illustres professores mal fizeram em acceitar um quesito tão vago e mais uma vez errar respondendo-lhe sem preambulos affirmativamente. Em absoluto pôde. Tambem nós responderiamos. Relativamente, dados os nossos recursos e forças economicas, não funcionaria. Se tivéssemos dinheiro, se tivéssemos recursos, claro é que poderiamos sempre construir um edificio nas condições de belleza e imponencia que quizessemos, ainda que seria desperdicio desde que possuíssemos um satisfactorio para o mesmo fim. Não o tendo, como não temos, nem d'onde elle nos venha porque os José Estevãos já morreram, e os illustres professores nunca se deviam esquecer d'esta circumstancia decisiva e soberana, sendo o unico movel que leva a commissão executiva da junta geral a propôr a mudança do lyceu a falta de dinheiro para a construcção d'um bom edificio

destinado a repartições publicas, e os illustres professores deviam ter tido a perspicacia necessaria para o adivinhar, mais claro é que o projectado edificio para lyceu seria pobre, seria deficiente, porque não se compram melões com cantigas, e então nunca o lyceu poderia funcionar mais convenientemente n'esse edificio que no edificio actual modificado.

Além d'isso, se os illustres professores requerem treze aposentos no novo edificio e esses aposentos cabem de sobre no edificio actual, como ousaram responder affirmativamente ao referido quesito? Pois por ventura no novo edificio ficariam essas divisões mais bem accomodadas que no actual, com mais luz, mais ar, mais pé direito, mais belleza? Pois o novo edificio teria uma entrada mais formosa, um atrio mais regular, uma escada mais elegante, um aspecto exterior e interior mais grave do que o actual? Evidentemente não. E estamos certos de que a estas horas muitos, senão todos, dos illustres professores, em cujo bom senso e fino confiamos, pensarão exactamente como nós.

E' preciso um horto botânico? Já o dissémos aqui: — ninguém querera, sem duvida, metter um horto botânico n'uma bibliotheca. Ora se o horto botânico tem de ser independente do edificio, em local nenhum ha melhores terrenos para o estabelecer do que junto ao edificio actual logo que tenhamos os recursos indispensaveis para obter esses terrenos. E' preciso um gymnasium? Diz o § unico do art. 2 do decreto com força de lei de 29 de julho de 1886:—«O governo poderá accrescentar ao curso dos lyceus exercicios de canto, gymnastica e jogo d'armas.» Se *podera* não é definitivo. E se *podera*, quando poder ha de habilitar-se no orçamento com recursos para a fundação dos gymnasios, que entre nós em parte alguma seria mais bem fundado que nos terrenos referidos.

Não ha, por conseguinte, pondo mesmo de parte a memoria de José Estevão, um unico argumento, um unico motivo, uma unica razão para se condemnar o edificio do largo municipal.

Hoje não temos tempo nem espaço para mais. E sentimo-lo. Que quereíamos que todos os leitores, ainda os mais renitentes ao bom raciocínio, ficassem definitivamente sem a menor apprehensão sobre a verdade do que ahí fica. Entretanto, ainda que rapidamente, e no domingo diremos mais alguma cousa, ahí vão as condições de varios lyceus que conhecemos.

O lyceu de Lisboa está alojado no edificio mais indecente que se pôde imaginar. Tem oito alcovas, que não são salas, destinadas ao exercicio das aulas. O laboratorio chimico está installado na cosinha do edificio! Não tem sala especial para bibliotheca. A bibliotheca está na sala destinada á aula d'introdução, que serve ao mesmo tempo de gabinete de physica. Não tem sala de sessões nem gabinete de reitor. Tudo isso funciona em *qualquer canto*, quando é preciso.

O lyceu do Porto não tem edificio especial. Está n'uma casa particular, de que o governo paga 1:500\$000 réis de renda. Tem apenas uma sala de reunião dos professores, uma onde funciona o conselho, além das salas destinadas a aulas, que são poucas, e mais nada. Não tem laboratorio chimico nem horto botânico.

O lyceu de Coimbra não tem edificio proprio. Funciona no edificio de S. Bento. Tem nove salas destinadas a aulas, um pobreissimo gabinete de physica e sala destinada a congregações, bibliotheca e secretaria. Mais nada. Não tem horto botânico.

O lyceu de Vizeu não tem casa propria. Funciona no antigo edificio episcopal. Tem 5 salas para aulas, gabinete do reitor, secretaria e sala de sessões. Não

tem bibliotheca, nem laboratorio chimico, nem horto botânico.

O lyceu de Leiria não tem casa propria. Funciona debaixo do seminario. Tem quatro salas para aulas e uma para tudo isto:—secretaria, bibliotheca, gabinete do reitor e sessões. Não tem laboratorio, nem horto botânico.

O lyceu de Beja não tem casa propria; acha-se installado n'um edificio particular. Tem cinco salas destinadas a aulas. Salas é um modo de falar! Cubiculos. A secretaria e a bibliotheca funcionam na mesma sala. Não tem laboratorio.

O lyceu de Faro não tem casa propria. Funciona, por *empréstimo*, no seminario. Não tem laboratorio chimico nem horto botânico. O lyceu de Braga a mesma cousa. Funciona no seminario.

Ora dizer-se depois d'isto que o nosso edificio não serve para lyceu e querelem-nos privar da gloria de possuímos, no genero, o melhor do paiz, é realmente lamentavel.

P. S. Acabamos de saber que o conselho escolar approvou por unanimidade as modificações propostas pela commissão José Estevão. Mas accordou tambem, por maioria, que um novo edificio pelo projecto Araujo e Silva será mais conveniente para lyceu que o edificio actual modificado.

E' pasmoso, e ingenuamente contámos com o bom senso dos srs. professores depois de examinar as modificações propostas! E' pasmoso, porque nós pensavamos que não é preciso ser-se artista, nem ter habilitações especiaes, mas olhos e cabeça unicamente, para se reconhecer que os trabalhos da commissão José Estevão não deixam remendado o edificio actual, mas que tornam d'elle um edificio perfeito e completo ao fim que se destina! E' pasmoso, porque nós julgavamos que ficavam satisfeitas as exigencias do conselho escolar, em condições aliaz muito melhores que as condições reclamadas! Decididamente a sentença do sr. Barbosa de Magalhães é muito mais efficaz e positiva do que poderíamos suppor!

Pois bem. Da nossa parte tem havido a maxima lealdade e a maxima franqueza. Ahí ficam os elementos todos para o publico julgar da nossa argumentação. E' preciso que façam o mesmo os partidarios da mudança do lyceu. Que venha o projecto do novo edificio. Que venha esse officio ou relatório do sr. director das obras publicas, escripto, segundo diz o *Campeão* de 24 de dezembro, com tanta proficiencia, tão bom criterio, tanta imparcialidade, tão brilhante energia e elegancia de phrase que faz honra ao seu auctor. Então, deve resolver a questão definitivamente. Então é um documento publico d'altissimo valor. Porque não o publicam? Que venha, e que venha já e que venha immediatamente.

E fiquemos n'isto: technicamente o conselho escolar não tem a competencia que tem a commissão José Estevão. Como amor á instrucção e á cidade, não tem mais do que nós todos aveirenses. Como cidadãos interessados no bom andamento dos negocios publicos e respeitadores da memoria dos nossos grandes homens, são a minima fracção dos habitantes d'esta terra. Logo, como opinião, os srs. professores são livres de terem a opinião que bem quizerem. Como tribunal, como instancia a resolver, no sentido que lhe dá o orgão progressista, já o dissemos e de novo o repetimos que não o podemos reconhecer e acatar. Tribunal aqui é a opinião publica e mais nada. Ou erre ou não erre. Assim o manda a boa liberdade. Mas nós já admitimos que nem mesmo se accete a sentença d'este tribunal por esta vez, se se provar que está em erro. Provem.

E deixemo-nos de decisões absolutas que nem são para nós nem são do nosso tempo.

Acabou-se, diz o *Damião de Goes*. Pois seja, acabou-se. Mas retoquemos a questão.

Injurias, é termo muito relativo. Se nós chamámos imbecil ao sr. Magalhães Lima e demonstrámos que o é, imbecil não é uma injuria. Se nós chamámos desleal ao sr. Jacintho Nunes e demonstrámos que o é, desleal não é uma injuria. Se nós chamámos apostata ao sr. Theophilo Braga e damos a razão do nosso dicto, apostata não é uma injuria. Já vê o collega que é sina sua contestar as cousas mais claras d'este mundo.

Quanto ao congresso publico tambem é absurda a sua allegação de que um congresso d'essa ordem não tem valor nem merecimento, porque o publico ausente seria sempre mais do que o publico presente. Só por uma obsecgação d'espírito lamentavel o collega cahiria n'um desconchavo de tal ordem. Porque é condemnar todas as manifestações de boa liberdade e sã democracia. A um comicio assiste o paiz todo? Não assiste, comparativamente, uma minima fracção, dois mil ou tres mil individuos n'uma cidade que tem cem mil e d'um paiz que tem quatro milhões? E são os comicios condemnaveis ou inuteis? A uma conferencia não assistem cem pessoas ou duzentas? E são desnecessarias? A's sessões do parlamento assiste a centessima parte do paiz? Para que as fazem publicas então?

Tenha paciencia; não podemos deixar de lhe dizer que entrou com o pé esquerdo na polemica.

De resto, enganou-se se nos suppoz a *ir á serra*. Nada d'isso, que não era caso para tanto. E ainda bem que o collega é o primeiro a reconhecer que o enganaram quando lhe disseram que não sabiamos discutir sem insultar. E' o despeito natural de quem não saba discutir de forma alguma. E se não fôra despeito e ruim caracter lembrar-se-hiam esses miseros de que foi exactamente com uma discussão muito serena e cortez entre o *Seculo* e o *Diario Popular*, a proposito dos conflictos do Egypto, discussão que tantos applausos lhes mereceu, que encetamos, senão a nossa vida jornalística, ao menos a especialidade da polemica politica.

Sempre respondemos e responderemos com deferencia a quem com deferencia nos tratar. Os insignificantes petulantes esses afastamo-los sem duvida com os bicos da penna como os afiataríamos com o bico da bota.

E mais nada.

QUESTÕES MILITARES

(CONCLUSÃO)

Recapitulando os principios e argumentos expostos nos nossos artigos, que é tempo de pôr termo á polemica, chegámos ás seguintes conclusões.

Primeiro. O sr. Joaquim Theotónio Cornelio da Silva nunca deu provas de facciosismo nem de patronato irregular ou escandaloso pela arma a que pertence, podendo fazê-lo, como outros o tem feito e outros o fariam em circumstancias identicas, quando dispz d'uma influencia enorme durante a larga gerencia de Fontes. Antes se conservou n'uma neutralidade correcta, favorecendo igualmente as pretensões justas dos officiaes de todas as armas e de todas as patentes, com a deferencia e a delicadeza que o caracterisam.

Segundo. Dizer-se que a primeira repartição do ministerio da guerra é a repartição da infantaria e que os officiaes de cavallaria vão reclamar contra isso e pedir que lhe abram as portas d'a-

quelle estabelecimento, é uma offensa não só para os officiaes que estão á frente d'aquella repartição, e que d'essa forma se pretende incutir como não cumprindo com os seus deveres e desobedecendo aos preceitos da justiça, como para todo o exercito por isso que o publico poderia julgar que esta collectividade não se atém a outra cousa que á luta mesquinha d'interesses e paixões.

Terceiro. O articulista do *Diario Popular* não demonstra grande pureza de conhecimentos da lingua patria, quando descobre preterições legais e preterições illegaes para as applicar á differença de promoção nas armas d'infanteria e cavallaria.

Quarto. Admittindo a propriedade do termo, é ousadia, que não se explica, affirmar-se que a infantaria tem preterido a cavallaria quando é o contrario que exactamente succede, como largamente provámos. Não só os generaes, como os coroneis, os tenentes coroneis, os majores e a maior parte dos capitães de cavallaria vão mais adeantados na promoção que os correspondentes officiaes d'infanteria.

Quinto. Se as promoções de alguns subalternos de cavallaria vão mais atrazadas que as d'outros subalternos de infantaria, é isso devido á enorme quantidade de alumnos que frequentaram o curso de cavallaria na Escola do Exercito. E d'isso são os lesados que principalmente tem a culpa. E que não a tenham, nunca se pôde vir com uma anormalidade d'essa ordem argumentar contra o andamento regular das promoções d'infanteria.

Sexto. Não tem nenhuma razão de ser o argumento anteposto de que o serviço mais pesado da cavallaria deve encontrar compensação em melhoria de promoções. Antes levadas as cousas por esse lado seria ainda a infantaria que teria que reclamar. Porque se a cavallaria tem um serviço interno mais aborrecido e incommodo, a infantaria, a primeira a manter a tranquillidade publica, sempre ameaçada d'ir ás ilhas e á Africa, como já foi a Goa, defender a ordem ou a honra nacional, tem um serviço externo muito mais arriscado e perigoso.

Setimo. O articulista continua a demonstrar o seu espirito injusto quando declara que a ultima reforma do exercito foi um escandalo para a infantaria e que é preciso revê-la. Porque apesar das suas apregoadas concessões, a reforma ainda não conseguiu pôr a infantaria a par da cavallaria.

Oitavo. O facto, do articulista tomar como prova de favoritismo para a infantaria o terem sido chamados á guarda fiscal 413 officiaes d'infanteria e 4 de cavallaria, demonstra que achava regularissimo que os officiaes de cavallaria commandassem companhias d'infanteria. Uma monstruosidade que não abona nada o espirito militar de que se quiz revestir!

Nono. O articulista gaba-se de ter prestado serviços á infantaria. Não se sabe como. Nem mesmo que tivesse pertencido á ultima reforma do exercito lh'os teria prestado. Mas não pertenceu. Porque o unico official de cavallaria, membro d'essa commissão, que é escriptor militar, tem fama de bastante intelligente para cahir nos erros em que cahiu o articulista do *Diario Popular*, sem duvida alguma novato sabido das escolas, e delicadeza bastante para falar, como fala o jornal de S. Roque, da ultima commissão de reforma do exercito!

Decimo. A infantaria é a primeira arma de combate e como tal a que merece mais protecção e zelo.

Decimo primeiro. Tendo nós dicto que poderíamos provar com as condições militares do paiz e das guerras modernas que tinhamos, para a nossa infantaria,

cavallaria de mais, assim o fizemos em artigos successivos, ainda que quizassemos fugir d'esse campo por melindres comprehensíveis.

Decimo segundo. Sendo a infantaria a pedra angular da tactica moderna e a base de todas as operações, em que se fundam as concepções scientificas, variadas e difficeis dos combates actuaes, parece-nos absurdo dizer-se que os officiaes d'infanteria carecem de menos conhecimentos e menor illustração que os officiaes de cavallaria.

Decimo terceiro. A proporção da cavallaria para a infantaria tem decrescido successivamente em prejuizo da primeira. Hoje é de 1 para 10 até 1 para 12 nos paizes centreaes e geralmente planos. De 1 para 15 até 1 para 20, e de 1 para muitissimo mais se nos lembrarmos da Suissa, nos paizes montanhosos. Entretanto em Portugal nem sequer é de 1 para 10 porque é de 1 para 5.

Decimo quarto. O quadro dos officiaes da cavallaria portugueza é comparativamente dos maiores e mais favorecidos da Europa.

Decimo quinto. O adversario poderia ter espirito com a *historia* de Nariz se não tivesse mostrado a sua ignorancia chorographica. A freguezia de Nariz é do bispado de Coimbra. O bispado d'Aveiro não existe.

Decimo sexto e ultimo. Nunca reconhecemos ao adversario direito nenhum a impor-nos respeito militar, porque o não conhecemos e antes bem poderia succeder, como nos inclinámos a crer, que nos pertencesse a nós esse direito, de que não usariamos aliaz. Tambem era necessario que nos tratasse com deferencia devida se queria que o tratássemos com igual deferencia. Entretanto, temos a convicção, se atacámos, ou zombámos uma vez ou outra dos seus recursos intellectuaes, o que é permitido nos usos suaves da imprensa, de que lhe não dirigimos a menor offensa á sua dignidade pessoal. D'isso estamos convencidos. E se não o estivermos, para dar a estes assumptos toda a auctoridade e seriedade de que carecem, muito livre, espontaneamente e de bom grado dariamos como não existente qualquer phrase ou palavra menos digna. Já vê o articulista que não tem nada de que nos accusar!

E eis a summa de todos os nossos artigos. Não sahimos a campo contra o *Diario Popular* senão pelas injustiças de que vimos revestido o seu primeiro artigo e porque basta d'*usurpações* militares. O militarismo não tem de que se queixar entre nós. Com soldos e promoções regulares, que se dedique á constituição, ao engrandecimento e aperfeiçoamento das instituições e armas do exercito, pelo trabalho, pelo estudo, pela abnegação, e que se deixe d'exigencias pessoas que são pouco airozas e pouco sympathicas ao paiz. Não é quando todas as manifestações da vida militar demonstram o estrago e o rachtismo do exercito portuguez, que os seus officiaes devem reclamar augmentos de quadros e accusar-se reciprocamente de vantagens e favoritismo. Sobre esse ponto muito teríamos que dizer, expondo largamente as reformas de que carece a força armada em Portugal, que com a organização presente está muito longe de satisfazer aos ideaes d'aquelles que antes de tudo são cidadãos portuguezes com espirito de justiça e d'engrandecimento nacional. Mas como as condições d'um periodico semanal se não prestam a uma exposição d'essa natureza, arida e longa, ficaremos por aqui, certos ao menos de que prestámos algum serviço á verdade e aos principios de razão.

E temos concluido.

Carta de Lisboa

Não recebemos carta do nosso correspondente na capital.

Carta da Bairrada

Janeiro, 7.

Esta secção, onde ha 5 annos fazemos a simples chronica dos successos mais palpantes da Bairrada, e onde nos temos occupado da melindrosa situação do seu estado vinicola...

A' commissão organisadora do banquete republicano de 5 de janeiro de 1888

Senhores.

Recebi, e agradeço, o convite com que vos dignastes honrar-me para o jantar politico, commemorativo do 1.º congresso extraordinario do partido republicano portuguez.

Não me é possível assistir á vossa festa; mas, visto que se trata d'uma reunião de republicanos, eu, que sou dos mais antigos soldados do moderno movimento democratico em Portugal...

Accentuando n'esta occasião este meu sentir, escusado é dizer-vos que tenho vivido e continuarei a viver fóra do contacto de todos os partidos monarchicos que para ahi se degladiam systematicamente...

gas da lucta que se aproxima. E' necessario que os bons elementos da democracia portugueza erigam aqui desafogadamente a sua bandeira, leve-a a sua propaganda a todos os cantos da provincia...

Aos homens que tomaram sobre si a tremenda responsabilidade de dirigir o movimento republicano n'este paiz, está, portanto, reservada uma missão de todo o ponto séria e grave: dirigir a evolução d'uma nova ordem de cousas, educar o povo para o tornar conscio dos seus direitos e deveres...

No campo dos luctadores pela pena e pela palavra, de pouco ou de nada valho, e mal posso contar com uma saúde talvez a esta hora demasiado comprometida; mas, até onde cheguem as minhas forças, acompanharei com a fé inquebrantavel de verdadeiro crente e de soldado fiel a bandeira que cobrir o credo republicano...

E a vós, illustres membros da commissão organisadora d'este banquete, reitero os meus protestos de reconhecimento e envio o aperto de mão da minha confraternidade.

Vosso amigo e correligionario obrigado,

Albano Coutinho.

Mogofores, 3 de janeiro de 1888.

Os Amores do Assassino

NOTICIARIO

O «Povo de Aveiro» vende-se em Lisboa, na rua do Arsenal, n.º 96.

EXPEDIENTE

Rogamos aos srs. assignantes das localidades abaixo mencionadas o obsequio de solverem os seus debitos á administração d'este jornal por o meio que lhes convenha melhor:

Arada, Arruda das Vinhas, Costa de Vallade, Esgueira e Silveiro.

Proceder-se no domingo á eleição dos jurados que hão de servir no corrente anno no Tribunal do Commercio d'esta cidade, dando o seguinte resultado:

Effectivos — José Antunes de Azevedo, Jeronymo Baptista Coelho, José Antonio Pereira da Cruz e Antonio Cardoso de Azevedo.

Substitutos — José Marques de Azevedo e Eduardo Augusto Ferreira Osorio.

Com o titulo de Aurora Commercial principiou a publicar-se no Porto um novo semanario, orgão dos empregados do commercio n'aquella cidade. Recebemos o 1.º numero.

Ao novo collega desejamos larga vida!

Quasi todo o paiz se agita contra a odiosa lei das licenças para trabalhar, que o governo parece teimar em querer pôr em practica.

Da Mealhada dizem o seguinte com data de ante-hontem:

«Grande exaltação por causa de licenças. Vieram os povos de Murte le e lançaram fogo á repartição de fazenda.

O administrador tem a casa cercada, e igualmente querem lançar-lhe fogo.

Dêram dois tiros no escrivão de fazenda, que está em perigo de vida.

Esperam-se grandes desgraças.»

—Em quasi todas as esquinas das ruas da cidade de Vizeu appareceram ha dias os seguintes pasquins:

«Fechem-se os estabelecimentos, façam-se grèves. Abaixo os tirannos! Viva a Republica!»

Este é o brado que espontaneamente sahe de todas as lojas e industriaes, onde os pobres artistas lamentam a sua triste sorte. E' grande a indignação contra o governo.

—Dos acontecimentos do Porto devem os leitores estar ao facto pelas ultimas noticias dos jornaes diarios d'alli. A resistencia tem sido energica e promete continuar.

Para hoje está annunciado um importante comicio n'aquella cidade, com o fim de protestar contra a despotica lei que vae arrancar a pelle ás classes operarias.

A maré sóbe... Parece-nos que o sr. Marianno ha de engulir a lei de 15 de julho e o regulamento de 8 de setembro.

Cuidado, que a coisa está um pouco feia... Cuidado!

Felicitemos os seguintes collegas pelos seus anniversarios jornalisticos:

Damião de Goes, de Alemquer, 3.º anno; Voz de Estarreja, 4.º anno; Soberania do Povo, de Agueda, 10.º anno; e Crença Liberal, de Lisboa, 27.º anno.

Foi acolhido favoravelmente pelo parlamento hollandez o projecto de lei que acaba de ser submettido á sua sanção, regulamentando o trabalho das creanças.

Segundo as disposições da lei, que brevemente começará a vigorar na Hollanda, não será alli permitido empregar nos trabalhos do campo creanças menores de 12 annos e o minimo de idade para a admissão nas fabricas é aos 13 annos.

Foi promovido a 2.ª classe, no concurso de provas publicas realiado ultimamente em Lisboa, o digno inspector de fazenda d'este districto, o sr. Diniz Kopke Severim de Souza Lobo, pelo que lhe enviamos o nosso parabem.

Desde o dia 1 do corrente que adoptou o titulo de Estarrejense o jornal que se publicava em Estarreja com o titulo de Gafanhoto. Apresenta-se completamente melhorado, tendo tambem augmentado o formato.

Trabalha actualmente na construcção d'um relógio verdadeiramente extraordinario o celebre Christiano Martim, natural de Villingen (Prussia).

O relógio tem tres metros e meio de altura e dois e tres quartos de largura; marcará as horas, meias, quartos, minutos, segundos, dias, semanas, mezes, annos communs e bisextos até ao anno 99:999 da era christã.

Além d'isto, apontará a hora exacta de diferentes latitudes e bem assim as phazes da lua e dará outras informações que até hoje só se podiam obter por meio d'um almanak.

Terá igualmente grande numero de figuras automaticas, re-

presentando a vida do homem, o credo christão e as antigas mythologias dos pagãos e tentonicos.

Setenta e sete annos, separadas e individualizadas, foi a vida do mundo. A indita será representada sob o signa d'um esquadro de madeira. Em outra parte apparecerão os 12 apóstolos.

As sete epochas da vida humana serão representadas como as descreve Shakspeare; e assim as quatro estações, os doze signos do zodiaco, etc.

De noite marcará as horas um vigilante tocando n'uma corneta de caça em fóra de chifre; ao raiar do dia apparecerá um cuco, porém só uma vez em cada anno,—no primeiro dia da primavera. Afóra estas figuras ha uma serie d'ellas, moveis e esmaltadas, representando os sete dias da creação do mundo e as quatorze estações da Cruz.

A uma hora determinada, um menino do côro tocará a campainha da torre e ajoelhando-se e cruzando os braços ficará na attitude de orar.

Termina toda esta representação uma esplendida e deliciosa musica de flautas e apitos.

Diz-se que o sr. ministro da justiça tem elaborado um projecto para o estabelecimento de uma casa de correção no Porto.

Um jornal medico americano chama a atenção para uma nova doença nervosa observada principalmente na Inglaterra e nos Estados-Unidos. E' uma doença especial dos bebedores de chá e á qual se deu por isso mesmo o nome de Cháismo.

A doença começa por uma excitação cerebral; mais tarde o bebedor de chá torna-se d'uma grande impressionabilidade nervosa e vê-se sujeito a perturbações cardiacas. Emfim, quando a doença toma completamente o caracter chronico, ha alteração das funcções do coração e da nutrição.

Hoje, ás 11 horas, deve reunir a assembleia geral dos accionistas do Asylo de José Estevão, para organização das contas do anno findo e eleição dos corpos gerentes.

Na madrugada de domingo, 1 do corrente, succedeu em Buarcos um sinistro que causou a morte a 13 infelizes pescadores. Uma lancha da Pederneira, que ha cinco dias se achava no mar, sem poder recolher-se a qualquer abrigo, e sem viveres já, naufragou ao norte da povoação, quando os tripulantes tentavam varar na costa para fugir aos horrores da fome e aos de morrer afogados!

De 47 pessoas apenas se salvaram 4, que foram recolhidos e acarinhados pelo sr. José d'Abreu Guerra, que é olhado como a providencia dos infelizes que a sorte arremessa á praia de Buarcos.

Lavra grande agitação entre os estudantes russos, a ponto de terem sido já fechadas algumas universidades e de se terem feito numerosas prisões. Na universidade de S. Petersburgo, os academicos depois de violentissimos discursos, convidaram o povo á revolta.

Os estudantes russos constituem actualmente um dos elementos mais vigorosos que trabalham para derrubar o throno do czar e proclamar os principios da revolução democratica e social.

Perante a camara municipal de Benguella estão a concurso dois partidos medicos, para o bairro de Catumbella, com o ordenado de 1:800:000 réis cada um, e passagens de 4.ª classe.

Continua em Hespanha a perseguição á imprensa liberal e democratica.

Ha dias foi mandado encarcerar brutalmente D. Facundo Dorado, um dos redactores de La Joven Espana, por ter escripto dois artigos de combate contra as velhas e deshonradas instituições monarchicas.

Felizmente este valente luctador conseguiu fugir, quando ia já em caminho da cadeia.

De muitas povoações importantes de Hespanha tem sido ultimamente enviadas numerosas felicitações e protestos de adhesão á briosa redacção de La Joven Espana pela sua attitude vigorosa, intransigente e energica.

CONTRA A DEBILIDADE

Recommendamos o Vinho Nutritivo de Carne e a Farinha Peitoral Ferruginosa da Pharmacia Franco-Filhos, por se acharem legalmente auctorisados.

ATENÇÃO

ANTONIO Baptista Lobo, capitão de cavallaria 40, com practica de ensino nas disciplinas de arithmetica e geometria plana, propõe-se a ensinar estas materias n'esta cidade. Quem pretender os seus serviços, pôde dirigir-se-lhe todos os dias, das 10 horas da manhã até á 1 da tarde, no quartel de cavallaria.

VENDA DE TERRENO

VENDE-SE a parte do terreno expropriado que pertenceu ao Hotel Cysne do Vouga, na rua da Alfandega.

Quem o pretender pôde dirigir-se a esta redacção, onde se darão esclarecimentos.

BIBLIOGRAPHIA

Discursos sobre a Concordata, proferidos nas sessões de 4 e 5 de maio de 1887 pelo deputado José Dias Ferreira. — Primorosos como todos os discursos do illustre deputado por Aveiro. Cheios da graça caustica, da vasta erudição e da independencia politica que caracterizam o nosso representante.

Como o titulo até certo ponto indica, o notavel orador propoz-se demonstrar que as ultimas negociações com Roma sobre o padroado no Oriente foram profundamente infelizes e os governos portuguezes que as sustentaram tristemente ludibriados pelas influencias jesuiticas. E fê-lo com a habilidade e a distincção que lhe são habituaes, entremeando nos dois discursos fartas referencias politicas á situação politica do paiz, cheias de exactidão e de verdade. Um trabalho importante.

Arithmetica das Escolas Primarias, adequada para o ensino dos 1.º e 2.º graus por Alexandre das Dores Casimiro, professor official do ensino completo. — E' um livro excellentissimo, com aquelle caracter d'exactidão e clareza que distingue o nosso patriotismo. Muito claro, muito simples, muito bem disposto e methodico, qualidades indispensaveis n'um bom livro d'ensino. E' pois um livro perfeito no seu genero e com que o seu auctor prestou um bom serviço á instrucção. Que continue este a estudar e a trabalhar que nós lhe prophetisamos um bom futuro entre as intelligencias nacionaes.

Extracto da conferencia publica feita pelo cidadão Manuel d'Arrigaa no Club Henriques Nogueira na noite de 11 de dezembro de 1887, tendo por thema: — O partido republicano portuguez e o congresso. — Agradecemos a deferencia do illustre tribuno com a sua offerta. A conferencia, de que todos os leitores já tem conhecimento, foi brilhante. D'ella nos occuparemos brevemente.

As doidas em Pariz. — Da acreditada empresa editora Belem & C.ª recebemos a caderneta n.º 8 da segunda edição das *Doidas em Pariz*, um dos romances mais notáveis de Xavier de Montepin. E' illustrado com primorosas gravuras e chromos a finissimas côres.

A Martyr. — Recebemos o fasciculo 52 d'este interessante romance de Emile Richebourg, traduzido pelo sr. Julio de Magalhães e editado pela empresa dos Serões Romanticos.

Assigna-se em Lisboa na rua da Cruz de Pau, 26.

A Illustração Portuguesa. — Recebemos o n.º 24 do quarto anno d'esta revista litteraria e artistica, que continúa a ter a melhor acceitação da parte do publico.

Assigna-se na Travessa da Queimada, n.º 35, 1.º andar—Lisboa.

O Mundo Elegante. — Publicou-se o n.º 53 d'este magnifico jornal de modas, elegancia e bom tom, dedicado ás senhoras portuguezas e brasileiras.

Os Amores do Assassino

ANNUNCIOS

Venda de casa

VENDE-SE uma nova, alta, com quintal e poço, e construida de pedra, que faz frente para a rua da Sé e frente para a rua da Cadeia e tem sahida para a rua do Roxo.

Quem a pretender falle na mesma com o dono **Francisco Augusto Duarte.**

ANGELO DA ROSA LIMA
COM
OFFICINA E DEPOSITO DE MOVEIS

Aveiro, Rua dos Mercadores, n.ºs 42, 44, 46, 50 e 52

TEM grande sortido de moveis, taes como: commo-das, meias commo-das, cadeiras de diferentes feitiços, mezas de gostos diferentes, camas, lavatorios, toucadores, caixas de cabeceira, cabides etc., etc.

Tem tambem espelhos de crystal em diferentes tamanhos, assim como galerias, epalères e grande sortido de molduras de diferentes larguras em dourado e preto, o que tudo vende por um preço convidativo e sem competidor n'esta cidade.

Contra a debilidade

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente auctorizada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradável e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doencas, na alimentação das mulheres grávidas e amas de leite, pessoas idosas, cteanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se à venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco—Filhos, em Belem. Pacote 200 réis, pelo correio 220 réis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

DEPOSITO em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

AGENCIA ECONOMICA, MARITIMA E COMMERCIAL

PASSAGENS DE TODAS AS CLASSES EM TODAS AS COMPANHIAS

PARA **PARA' MARANHÃO, CEARA' E MANAUS**

PERNAMBUCO, BAHIA, RIO DE JANEIRO, SANTOS E RIO GRANDE DO SUL

Preços sem competencia

Passagens de 3.ª classe a 25000 réis

Para a provincia de S. Paulo dão-se passagens gratis. Para informações e contrato de passagens, trata-se unicamente em Aveiro, rua dos Mercadores, 49 a 23, com o correspondente

Manuel José Soares dos Reis.

ATTENÇÃO. — O annunciante encarrega-se da liquidação de heranças e quaesquer outros negocios em todo o imperio do Brazil, mediante modica commissão.



Na rua dos Mercadores, n.ºs 19 a 23, em Aveiro, fazem-se guarda-soes de todas as qualidades, concertam-se e cobrem-se com sedas nacionaes e outras fazendas. Trabalhos perfeitos e preços barattimos.

Os Amores do Assassino

Vinho Nutritivo de Carne

Privilegiado, auctorizado pelo governo, e approvado pela junta consultiva de saúde publica de Portugal, e pela Inspectoria Geral de Hygiene da corte do Rio de Janeiro

E' o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debéis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doencas aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, é um excellent lunch para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para aceitar bem a alimentação do janitar, e concluido elle, toma-se igual porção ao doente, para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os envulucros das garrafas devem conter o retrato do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se à venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco—Filhos, em Belem.

Deposito em Aveiro napharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Os Amores do Assassino

DEPOSITO AMERICANO

Apparelhos, Utencilios e Implementos Domesticos, Agricolas e Industriaes.

Agencia e Casa Introdutora de Artigos especiaes de Norte-America.

RUA MOUSINHO DA SILVEIRA, 127, PORTO.

REZ-DO-CHÃO.

BOMBAS
HYDRAULICAS

De POÇO, CYSTERNA &c.

ARAME

"CERCA-ESPINHO"

Para vedar gado, &c.

GRANDE DEPOSITO DE

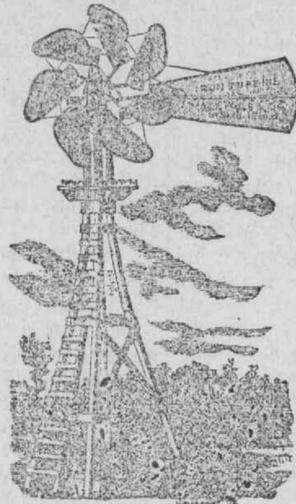
TUBOS DE FERRO

zincados e pretos para

CANALIZAÇÕES.

Tubos de Borracha

(CAUTOCOC).



FOGÕES
CULINARIOS.

ESTUFAS DE SALA.

LOUÇAS DE FERRO
"AGATE"

Para serviços da cozinha e meza, &c.

ARADOS.

Debulhadoras de Milho.

PRENÇAS

Para Fructas e Drogas.

E OUTROS

ESPECIALIDADES, &c.

MOTORES A VENTO

(ou Moinhos de Vento)—TUBBINA DE FERRO—systema o mais economico possivel para elevar agua a qualquer distancia.

MACHINAS E ARTIFICIOS DIVERSOS POR ENCOMMENDA.

Acceita-se ORDENS para os Estados Unidos da America, e para Inglaterra

ESCRITORIO, 2.º andar, **HERBERT CASSELS, Agente,**
127, MOUSINHO DA SILVEIRA, PORTO.

(Telefone N.º 250.)

3\$200 RÉIS

UMA NOVA INVENÇÃO!!

Ainda nenhuma foi tão admirada no mundo como a machina de coser **FLORA**, construida por o grande mechanico Frank, e propria para coser todas as fazendas

MACHINA DE COSER UNIVERSAL FLORA

que faz excellentes serviços em todas as obras de agulha. Cose todas as fazendas sem differença; construção duradoura de aço e de ferro; manobra simples e facil. Expede-se completamente prompta para trabalhar. Reparações não necessarias.

Preço de cada machina completa 3\$200 RÉIS

Esta machina é construida de maneira que a agulha não pôde quebrar-se durante o trabalho. Toda a gente pôde comprar esta estupenda machina de coser, universal, sem prejuizo, porque immediatamente se restitue a importancia, se a machina não trabalhar.

Todas as encomendas devem ser dirigidas, acompanhadas do pagamento adiantado de 3\$200 réis por meio de vale do correio, ao unico depositario das machinas de coser **FLORA**

M. RUNDBAKIN

TABORSTRASSE, 28. — VIENNA DE AUSTRIA

PUBLICAÇÕES

REGULAMENTO

Para o lançamento e cobrança da contribuição da

DECIMA DE JUROS

Approvado por decreto de 8 de setembro de 1887 e precedido da carta de lei de 18 de agosto do mesmo anno, com os respectivos modelos e uma tabella do sello.

Preço, 60 réis

Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas á **Livraria CRUZ COUTINHO**, editora, rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto.

GUIA

DO

NATURALISTA

COLLECCIONADOR, CONSERVADOR E PREPARADOR

POR

EDUARDO SEQUEIRA

Com 73 gravuras e 7 planchas de especimens vegetaes

Um volume brochado, 600 réis. Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas á **Livraria—CRUZ COUTINHO—Rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto.**

A MARTYR

POR **EMILE RICHEBOURG**

Edição Illustrada com magnificas gravuras francezas e com excellentes chromos.

VERSÃO DE **JULIO DE MAGALHÃES**

40 RÉIS CADA FOLHA, GRAVURA OU CHROMO. — 50 réis cada semana. — DOIS BRINDES A CADA ASSIGNANTE.

A sorte pela loteria — 1005000 réis em 3 premios para o que receberão os srs. assignantes em tempo opportuno uma cautella com 5 numeros.

No fim da obra—Um bonito album com dois grandiosos panoramas de Lisboa, sendo um, desde a estação do caminho de ferro do norte até á barra (19 kilometros de distancia) e outro é tirado de S. Pedro d'Alcantara, que abrange a distancia desde a Penitenciaria e Avenida até á margem sul do Tejo.

Assigna-se no escriptorio da empresa editora Belem & C.ª, rua da Cruz de Pau, 26, 1.º—Lisboa.

GUIA DE CONVERSAÇÃO

EM

PORTUGUEZ E ALLEMÃO

POR

D. M. RAMSEY JOHNSTON

1 vol. cart., 240 réis

PELO correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas á **Livraria CRUZ COUTINHO**, rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto.

TABELLA DOS EMOLUMENTOS

A cobrar nas secretarias das corporações e tribunaes administrativos, approvada por carta de lei de 23 de agosto de 1887 e precedida do respectivo relatório.

Preço, 40 réis; pelo correio franco de porte a quem enviar

a sua importancia em estampilhas á **LIVRARIA CRUZ COUTINHO**, edito ra, rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto.

EDITORES — **BELEM & C.ª**

26, Rua do Marechal Saldanha (Cruz de Pau), 26—Lisboa

AS

DOIDAS EM PARIZ

UM DOS MELHORES ROMANCES DE

XAVIER DE MONTEPIN

VERSÃO DE

JULIO DE MAGALHÃES

4 folhas de 8 paginas e uma estampa por semana, 50 réis

ESTE notavel romance de Xavier do Montepin não é uma simples obra de phantasia; o seu entreccho é formado por factos, que a cada passo se estão dando na vida pratica, e denuncia muitos crimes que ficam impunes na maioria dos casos, e que são commettidos á sombra de certos privilegios conferidos pela posição social. Apontar com exemplos frisantes á vigilancia e vindicta da lei alguns abusos, que aliás são frequentes nas diferentes posições sociaes, desvendando os mysteriosos horrores da corrupção, e procurando excitar a attenção d'aquelles que possam por qualquer forma concorrer para que fique frustrado o intuito de tão torpes como interesseiras machinações, tal foi o fim do auctor.

E' pois este um verdadeiro livro de combate, ao mesmo tempo que constitue uma leitura muito agradável pela animação dos dialogos, pela exactidão das descripções e pelo interesse sempre crescente das suas peripecias.

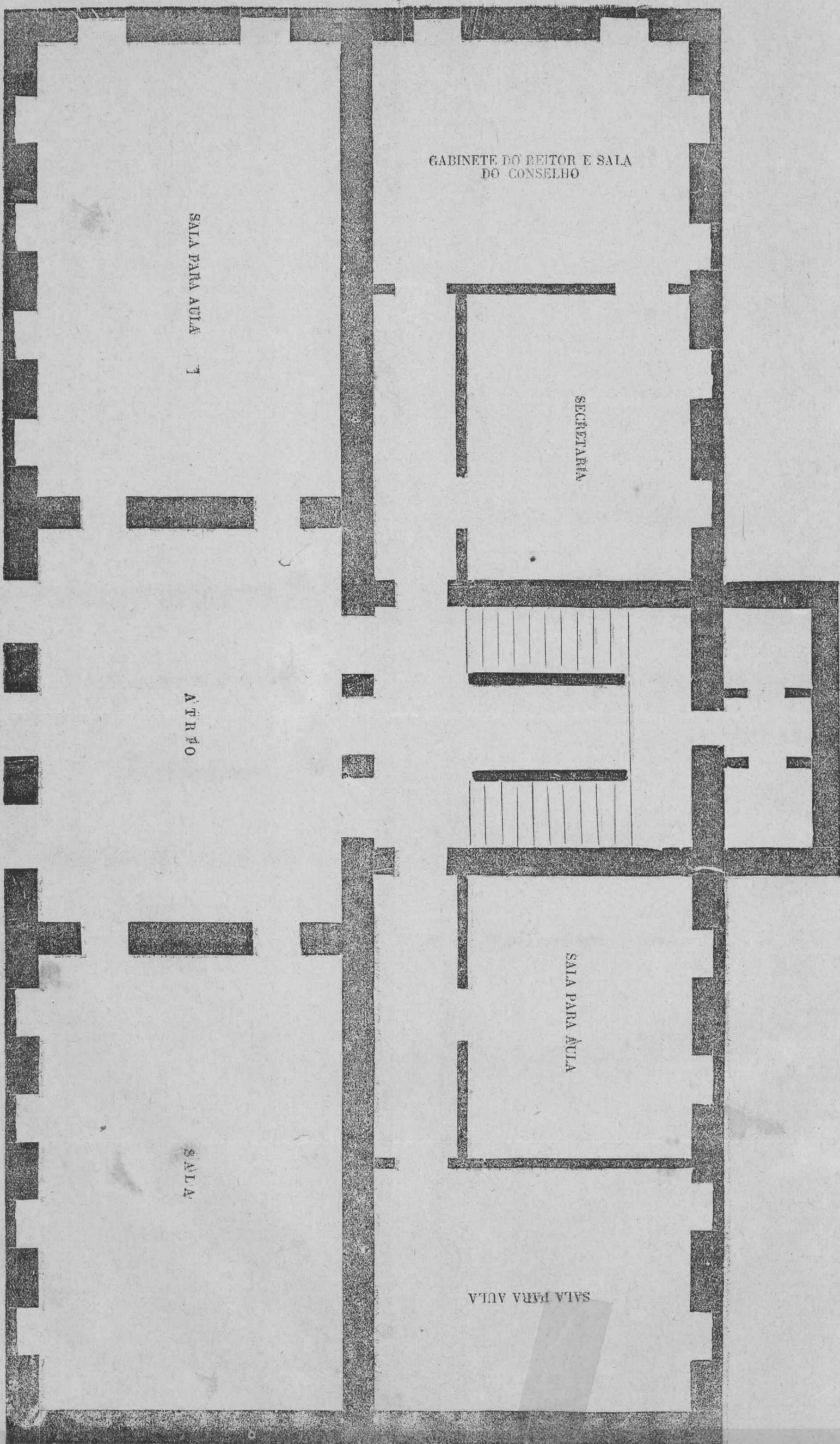
Tendo-se esgotado a primeira edição d'este romance, a empresa, attendendo a que deixou de satisfazer algumas requisições e tambem para annuir aos desejos de muitos dos seus assignantes modernos, resolveu publicar uma nova edição, correcta e augmentada com magnificas gravuras, que comrou ao editor do romance original.

Brinde a todos os assignantes no fim da obra

Um album do Minho

Contendo as principaes vistas de Vianna do Castello, Braga, Guimarães, Ponte de Lima, Ponte da Barca, Villa do Conde, Caldas de Vizella, Barcellos e Povoa de Varzim.

A empresa pede aos seus estimaveis assignantes toda a sua attenção para este valioso brinde, e promete continuar a offerecer-lhes em cada obra outros albums, proporcionando-lhes assim uma collecção igual e escrupulosamente disposta das vistas mais notaveis de Portugal. Os albums de Lisboa, Porto, Cintra e Belem estão publicados.



GABINETE DO REITOR E SALA DO CONSELHO

SALA PARA AULA

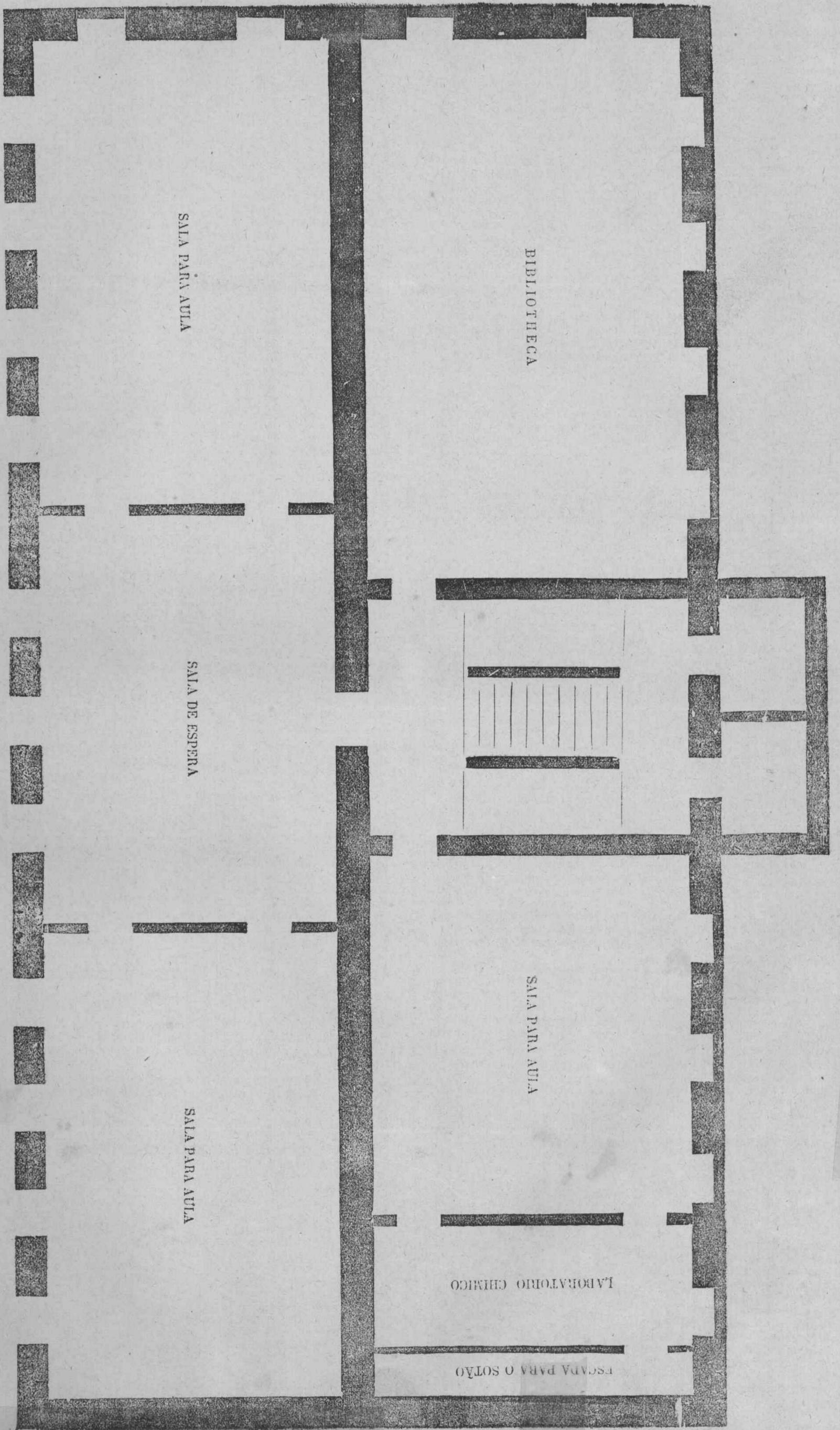
SECRETARIA

ATRILHO

SALA PARA AULA

SALA

SALA PARA AULA



SALA PARA AULA

BIBLIOTHECA

SALA DE ESPERA

SALA PARA AULA

SALA PARA AULA

LABORATORIO QUIMICO

ESCALA PARA O SOTÃO